

## 2 INTRODUÇÃO À TEOLOGIA DE JOSEPH RATZINGER

A eleição do cardeal Joseph Ratzinger como Sumo Pontífice da Igreja Católica (2005), com o nome de Bento XVI, deu nova atualidade à sua produção intelectual e ao seu pensamento teológico. Sua importância teológica, porém, não se deve somente ao fato de ser Papa, nem mesmo pela sua atuação como teólogo e perito do Concílio Vaticano II, mas por ser um teólogo com uma vasta obra teológica, de grande amplitude intelectual e decisiva contribuição para a Teologia da segunda metade do século XX.

Tratar do pensamento teológico de Ratzinger significa destacar os traços que caracterizaram o seu percurso intelectual, mesmo que com nuances diferentes desde os anos da juventude até a ascensão ao trono pontifício. Segundo o Professor Wolfgang Beinert, em sua *Laudatio* sobre o teólogo Joseph Ratzinger, não podemos separar vida e teologia. Em Ratzinger, vida e pensamento formam o teólogo que é, “com uma destacada força de irradiação clássica e uma inteligência lúcida e analítica, ligada a uma forte capacidade de síntese”.<sup>1</sup> Portanto, analisar vida e pensamento nada mais é do que compreender a íntima unidade entre as diferentes atividades de Ratzinger: como professor e pastor, em suas dimensões acadêmica e eclesial.

Assim, apresentaremos a vida e elaboração teológica de Ratzinger, seguindo um percurso cronológico, destacando como cada momento foi exigência para a construção de sua teologia, bem como alguns traços essenciais do seu perfil teológico e sua produção intelectual.

### 2.1 – Breve introdução biográfica<sup>2</sup>

Vida e pensamento de Joseph Ratzinger estão tão intimamente unidos que, numa breve introdução, não seria possível uma análise precisa, por isso

---

<sup>1</sup> Esse elogio à Ratzinger foi citado por Peter Seewald, onde o jornalista recorda a *Laudatio* realizada por Beinert. Cf. RATZINGER, J., *O Sal da Terra: o Cristianismo e a Igreja Católica no século XXI: um diálogo com Peter Seewald*, Rio de Janeiro: Imago, 2005, p.55.

<sup>2</sup> Atualmente, há uma grande variedade de escritos sobre a biografia de Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI (apresentamos algumas nas referências bibliográficas desta dissertação). Nosso interesse aqui não é esgotar o tema nem mesmo fazer uma análise detalhada de sua produção teológica. Buscaremos contextualizar e demonstrar alguns elementos que são importantes para a compreensão do tema desta dissertação: “A fé cristã segundo Ratzinger”.

optamos por uma visão ampla tanto da vida quanto dos principais traços teológicos deste autor, dado a diversidade de funções exercidas na Igreja e a magnitude de seu pensamento e obra.

Joseph Ratzinger nasceu em Marktl am Inn, diocese de Passau (Alemanha), no dia 16 de Abril de 1927 (Sábado Santo), e foi batizado no mesmo dia. O seu pai, comissário da polícia, provinha duma antiga família de agricultores da Baixa Baviera, de modestas condições econômicas. A sua mãe era filha de artesãos de Rimsting, no lago de Chiem, e antes de casar trabalhara como cozinheira em vários hotéis. Sobre a importância de tal origem vale assinalar a afirmação de Andréa Tornielli: “Joseph Ratzinger é um típico intelectual bávaro e é ligadíssimo à sua terra de origem”.<sup>3</sup>

Passou a sua infância e adolescência em Traunstein, uma pequena localidade perto da fronteira com a Áustria, a trinta quilômetros de Salisburgo. Foi neste ambiente, por ele próprio definido como “mozarteano”, que recebeu a sua formação cristã, humana e cultural.<sup>4</sup> Sua juventude foi marcada pela dura experiência daqueles tempos, em que o regime nazista mantinha um clima de grande hostilidade contra a Igreja Católica, conforme ele expressa na sua autobiografia, *Lembranças da minha vida*.<sup>5</sup>

Precisamente nesta complexa situação, descobriu a beleza e a verdade da fé em Cristo; fundamental para ele foi a conduta da sua família, que sempre deu um claro testemunho de bondade e esperança, radicada numa conscienciosa pertença à Igreja: “a educação religiosa estava garantida pela oração em família e pela frequência à Igreja”.<sup>6</sup>

Nos últimos meses da II Guerra Mundial (agosto de 1943 a setembro de 1944), embora estivesse ingressado no Seminário de Traunstein, prestou serviços auxiliares antiaéreos. Foi prisioneiro de guerra em um campo americano para prisioneiros de guerra em Ulm, libertado em 19 de junho de 1945.<sup>7</sup>

Após a guerra, ingressou no seminário de Frisinga, onde “não se queria estudar apenas teologia, no sentido estreito da palavra, mas escutar também a humanidade de hoje”,<sup>8</sup> por isso se dedicou a leitura de grandes clássicos da

<sup>3</sup> TORNIELLI, A., *Bento XVI: o guardião da fé*, Rio de Janeiro: Editora Record, 2006, p. 219.

<sup>4</sup> Ratzinger afirma ter uma infância impregnada por Mozart, devido a luminosidade e profundidade de sua música: “não é uma música qualquer, contém toda a dimensão trágica da existência humana” (cf. RATZINGER, J. *O Sal da Terra*, p. 40).

<sup>5</sup> Id., *Lembranças da minha vida*, 2ª ed., São Paulo: Paulinas, 2007, pp.13-23.

<sup>6</sup> Id., *O Sal da Terra*, p. 41.

<sup>7</sup> Cf. Id., *Lembranças da minha vida*, pp.33-45; Id., *O Sal da Terra*, p. 48.

<sup>8</sup> Id., *Lembranças da minha vida*, p. 49.

literatura, de modo especial Dostoievski. Nos âmbitos teológico e filosófico, leu Romano Guardini, Joseph Pieper, Aloys Wenzel, Nietzsche, Hegel, entre outros. Nesse momento teve um encontro com o personalismo de Martin Buber, grande pensador judeu, que o vinculou ao pensamento de Agostinho, de modo especial em suas *Confissões*.

Depois dos estudos de Filosofia (1945-1947), realizou seus estudos de Teologia em Munique, no Seminário chamado de *Georgianum*, fundado em 1494, para candidatos ao sacerdócio de toda a Baviera. Como estudante acompanhou a transição teológica do liberalismo para uma teologia eclesial, bíblica e ecumênica. Perspectivas presente nos seus professores, mas também em todo âmbito teológico.

Em Munique, dedicou-se ao estudo da exegese, colocando-a como centro do seu trabalho teológico.<sup>9</sup> Mas os estudos mais decisivos na sua formação teológica se deram com o professor Gottlieb Söhngen, profundo conhecedor de filosofia e teologia, que tinha como principal característica partir sempre das fontes, colocando sempre a questão da verdade e, com isso, também a questão da atualidade do que era objeto da fé.<sup>10</sup> Destas características podemos compreender o quanto este professor influenciou Ratzinger, uma vez que assume este perfil teológico: recorrer sempre às fontes, centralidade da questão da verdade e atualidade da fé, ou noutras palavras, a fé atualizada pelo pensamento em união com os Santos Padres.

Recebeu a Ordenação Sacerdotal em 29 de Junho de 1951, juntamente com seu irmão Georg Ratzinger. Um ano depois, começou a sua atividade de professor na Escola Superior de Freising, tendo sempre presente, conforme sua confissão, que “quando se estuda teologia, não se quer aprender um ofício, mas sim compreender a fé (...) que dê acesso à verdadeira compreensão da própria vida, do mundo e das pessoas”.<sup>11</sup>

No ano de 1953, doutorou-se em teologia com a tese “*Povo e Casa de Deus na doutrina da Igreja de Santo Agostinho*”. Deste estudo da eclesiologia agostiniana, nasce em Ratzinger um profundo interesse pelo estudo da Igreja, sendo um dos temas mais abordados ao longo de sua vida.<sup>12</sup> Seus estudos sobre Agostinho não se resumem numa pesquisa doutoral, mas numa verdadeira adesão ao pensamento deste Santo Padre, que norteará toda sua

<sup>9</sup> Ibid., p. 60.

<sup>10</sup> Essa descrição do professor Söhngen se encontra em Ibid., p. 63-64.

<sup>11</sup> Id., *O Sal da Terra*, p. 49.

<sup>12</sup> Entre outras, podemos citar: *O novo Povo de Deus*, editado pelas Paulinas (1974), *Democracia na Igreja*, também pelas Edições Paulinas (1976) e *Compreender a Igreja hoje*, pela Vozes (1992).

produção teológica. A base filosófica e teológica de Ratzinger é marcadamente agostiniana.

Como está apresentado no livro *Sal da Terra*, Ratzinger se apresentou agostiniano, no âmbito da fé cristã. Segundo ele, Agostinho acreditava “para compreender” e não “porque é absurdo”, como se fundamentava Tertuliano no paradoxo “Creio porque é absurdo”. Ao fazer esta opção, Ratzinger salienta que “assim como a criação vem da razão e é racional, a fé, por assim dizer, é primeiro a realização da criação e, por isso, a porta para a compreensão. Crer significa, portanto, entrar nessa compreensão e nesse pensamento”.<sup>13</sup>

Ele afirma que desenvolveu sua teologia dialogando com Agostinho, mas também se interessou muito pelo existencialismo de Jaspers e Heidegger e o personalismo no seu conjunto, bem como o niilismo de Nietzsche e o espiritualismo de Bérghson.<sup>14</sup> Vale ainda sinalizar seu interesse pela Liturgia, sendo profundamente marcado por Romano Guardini.

Mas Ratzinger não foi apenas um admirador de Santo Agostinho, devido sua imensa obra intelectual e ministério pastoral, numa época em que tinha que lidar com tantas querelas do Estado e, ao mesmo tempo, com pessoas simples. Mas acima de tudo, se encantou com a vivacidade do seu pensamento.

A escolástica tem a sua grandeza, mas é tudo muito impessoal. Precisa-se de algum tempo até compreender e reconhecer a sua tensão interior. Em Santo Agostinho, pelo contrário, o homem apaixonado, que sofre, que interroga, está sempre presente, e cada pessoa pode identificar-se com ele.<sup>15</sup>

Passados quatro anos, sob a direção do professor de teologia fundamental Gottlieb Söhngen, Ratzinger conseguiu a habilitação para a livre-docência com seu trabalho intitulado “*A teologia da história em São Boaventura*”, na qual ele demonstrou a convicção histórica teológica de todo o primeiro milênio de que

Deus não dividiu a história numa metade clara e numa metade escura. Não dividiu os seres humanos naqueles que Ele redimiou e naqueles que Ele esqueceu. Só existe uma história, única, indivisa, que, no seu todo, está marcada pela fraqueza e pela miséria do ser humano, e que está, inteira, sob o amor compassivo de Deus, que a abraça e a suporta para sempre.<sup>16</sup>

Ratzinger aborda a história, questão de fundamental importância para a teologia, mostrando que a subdivisão da história em “antes” e “depois de Cristo”,

<sup>13</sup> Id., *O Sal da Terra*, p. 28.

<sup>14</sup> Tais referências encontram-se citadas na obra de BLANCO, P., *Joseph Ratzinger. Uma biografia*, São Paulo: Quadrante, p. 36.

<sup>15</sup> RATZINGER, J., *O Sal da Terra*, p. 50.

<sup>16</sup> Id., *Do sentido de ser cristão – Três homilias*, Cascais, Portugal: Princípia, 2009, p. 31.

que hoje parece expressão insubstituível da consciência histórica cristã, foi desencadeada pelos escritos de Joaquim de Fiore, cuja teoria das “três eras”, embora rejeitada pela Igreja, foi assumida pela teologia e gerou a interpretação da vinda de Cristo como um ponto de divisão em períodos intra-históricos.

No entanto, para Ratzinger, tal divisão do tempo traz sérios problemas, entre eles a visão de que Deus se manifestou em algum período da história, que Deus foi só passado, um passado que já ficou para trás.<sup>17</sup> Mas ao contrário, Deus é contemporâneo, porque Deus não pertence à história, mas a história a Deus. Não existe, portanto, uma era antes da redenção e uma depois, na qual estão redimidos apenas aqueles que vieram depois Dele, mas todos participam dos méritos de Cristo. A encarnação, o momento em que Deus se fez homem, não separou a história em dois tempos, mas ao contrário, num mesmo lugar o mundo e Deus se fizeram um. Aqui se revelou o verdadeiro significado da história: “Na irrupção do mundo para Deus, tudo o que aconteceu antes e tudo o que aconteceu e vai acontecer depois obtém o seu significado como inclusão do grande movimento cósmico na deificação, no regresso Àquele de quem tudo partiu”.<sup>18</sup>

Depois de desempenhar o cargo de professor de teologia dogmática e fundamental na Escola Superior de Filosofia e Teologia de Freising, continuou a docência em Bonn, de 1959 a 1963, cujo tema de sua aula inaugural foi “O Deus da fé e o Deus dos filósofos”; transferiu-se para Münster, onde lecionou de 1963 a 1966; e em Tubinga, de 1966 a 1969, onde em 1968 publicou uma de suas principais obras, *Introdução ao Cristianismo*, uma compilação de lições universitárias sobre a profissão de fé apostólica.

A partir deste ano de 1969 até 1977, passou a ser catedrático de dogmática e história do dogma na Universidade de Ratisbona, onde ocupou também o cargo de Vice-Reitor da Universidade. Em 1972, juntamente com Hans Urs von Balthasar, Henri de Lubac e outros, funda a revista católica internacional *Communio*. Em 1973 publicou o livro *Dogma e Anúncio*, uma antologia de ensaios, homilias e meditações, dedicadas à pastoral.

Nesse ínterim, de 1962 a 1965, prestou um contributo ao Concílio Vaticano II como *peritus* (teólogo oficial do Concílio);<sup>19</sup> foi como consultor

<sup>17</sup> “Deus é a origem da qual provimos, mas, ao mesmo tempo, também é sempre o futuro para o qual nos deslocamos. O que também significa que, para encontrarmos Deus, só temos que ir ao seu encontro como Aquele que vem, que espera e que exige que nos ponhamos a caminho.” Id.Ibid., p. 32.

<sup>18</sup> Ibid., p. 50.

<sup>19</sup> A influência dos estudos de Ratzinger, que o levaram a redação de uma tese sobre a teologia da história a partir de Boaventura, e sua eclesiologia marcadamente agostiniana,

teológico do Cardeal Joseph Frings, Arcebispo de Colônia. Segundo o Cardeal Dulles, Ratzinger não apenas participou ativamente do Concílio como continuou a debetê-lo a partir das muitas questões que surgiram, expressando, num primeiro momento, sua insatisfação com os documentos conciliares.<sup>20</sup> Posteriormente, após as novas redações dos documentos, vê positivamente o resultado, principalmente, das quatro grandes constituições conciliares.

Vários autores estão de acordo que Ratzinger pertencia ao círculo íntimo dos teólogos cujo pensamento prevaleceu no Vaticano II,<sup>21</sup> mesmo sem a notoriedade de já renomados como Congar, Rahner, Philips. Acolheu, como muitos, os três objetivos enumerados pelo Papa João XXIII para o Concílio: a renovação da Igreja, a unidade entre os cristãos e o diálogo com o mundo de hoje.

No entanto, fez determinadas críticas aos esquemas preparatórios, em grande parte por estarem formulados em termos escolásticos abstratos e inadequados para comunicar-se com o mundo moderno. Ele mesmo se refere a esta questão afirmando que “a teologia escolástica, como se tinha fixado, já não era um instrumento para trazer a fé para o diálogo da época. A fé tem de sair dessa couraça, tem também de enfrentar a situação do presente com uma nova linguagem, com uma nova abertura”.<sup>22</sup>

Os escritos de Ratzinger, referente a estas questões, podem ser divididos em três partes: a participação no Concílio, seus primeiros comentários sobre os documentos conciliares, e suas reflexões posteriores sobre a recepção do Concílio. Fazendo um balanço das primeiras participações e comentários de Ratzinger no Concílio Vaticano II, Santiago Madrigal afirma que existe uma profunda continuidade que preside sua obra e reflexão teológica que se estende até o papado, com um norte bem definido: “Colaboradores da verdade”.<sup>23</sup>

---

foram decisivas para sua contribuição tanto no Concílio Vaticano II quanto para sua produção teológica, basta ver que as primeiras propostas de textos preparados para Concílio seguiam estrutura escolástica, criticada por Ratzinger. Se Rahner, com quem trabalhou diretamente o Concílio, estava marcado pela tradição escolástica de Suárez e sua nova versão do idealismo alemão e de Heidegger, Ratzinger seguia uma tradição atestada pela escritura e pelos primeiros padres da Igreja.

<sup>20</sup> Cf. DULLES, A., *De Ratzinger a Bento XVI*. In.: COMMUNIO, Revista Internacional de Teologia e Cultura, Vol. XXVI, N° 2, Maio/Agosto, 2007, p. 189.

<sup>21</sup> Cf. Ibidem, p. 189.; BLANCO, P. *Joseph Ratzinger: razón y cristianismo*, p. 49.

<sup>22</sup> RATZINGER, J. *O Sal da Terra*, p. 59.

<sup>23</sup> Tal conclusão está exposta no capítulo intitulado “*Interlúdio: de teólogo a papa. ‘Colaboradores da Verdade’*.” da obra de Madrigal, o qual busca matizar algumas vozes que tentam mostrar um certo deslizamento em fases sucessivas na vida de Ratzinger, isto é, do seu papel de *teólogo progressista* em Tübingen a *Grande Inquisidor em Roma* (crítica elabora por H. Küng). Cf.: MADRIGAL, S., *Karl Rahner e Joseph Ratzinger no seguimento do Concílio*, Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2005, pp. 193-204.

A sua intensa atividade científica levou-o a desempenhar importantes cargos ao serviço da Conferência Episcopal Alemã e na Comissão Teológica Internacional, de modo especial a serviço dos bispos alemães durante o Concílio.<sup>24</sup>

Em 25 de Março de 1977, o Papa Paulo VI nomeou-o Arcebispo de München e Freising. A 28 de Maio seguinte, recebeu a sagração episcopal. Foi o primeiro sacerdote diocesano, depois de oitenta anos, que assumiu o governo pastoral da grande arquidiocese bávara. Escolheu como lema episcopal: “*Colaboradores da verdade*”; assim o explicou ele mesmo:

Parecia-me, por um lado, ser o elo que juntava minha tarefa anterior à nova incumbência: apesar de todas as diferenças, tratava-se da mesma coisa – seguir a verdade e estar a seu serviço. E já que no mundo de hoje o tema “verdade” quase sumiu totalmente, já que aparece como algo grande demais para o ser humano, mas por outro lado tudo decaiu quando não há verdade.<sup>25</sup>

Paulo VI criou-o Cardeal, do título presbiteral de “Santa Maria da Consolação no Tiburtino”, no Consistório de 27 de Junho desse mesmo ano. Em 1978, participou no Conclave, celebrado de 25 a 26 de Agosto, que elegeu João Paulo I; no mês de Outubro desse mesmo ano, participou também no Conclave que elegeu João Paulo II.

João Paulo II nomeou-o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional, em 25 de Novembro de 1981.<sup>26</sup> Foi Presidente da Comissão encarregada da preparação do Catecismo da Igreja Católica, a qual, após seis anos de trabalho (1986-1992), apresentou ao Santo Padre o novo Catecismo. No dia 19 de abril de 2005, foi anunciado a eleição de Joseph Ratzinger como Papa da Igreja.

Seus cargos na Igreja o fizeram diminuir sua produção teológica, no entanto ampliaram sua visão eclesial. Segundo Dulles,

<sup>24</sup> Torna-se relevante esta afirmação considerando que os cardeais alemães (de modo especial Josef Frings, de Colônia, e Julius Döpfner, de Munich e Freising) exerceram uma poderosa influência no Concílio, em geral fazendo oposição aos planos traçados pela comissão preparatória do mesmo.

<sup>25</sup> RATZINGER, J. *Lembranças da minha vida*, p. 137.

<sup>26</sup> Ratzinger, entre outras atividades na Cúria Romana foi também, Membro do Conselho da Secretaria de Estado para as Relações com os Estados; das Congregações para as Igrejas Orientais, para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, para os Bispos, para a Evangelização dos Povos, para a Educação Católica, para o Clero, e para as Causas dos Santos; dos Conselhos Pontifícios para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e para a Cultura; do Tribunal Supremo da Signatura Apostólica; e das Comissões Pontifícias para a América Latina, “*Ecclesia Dei*”, para a Interpretação Autêntica do Código de Direito Canônico, e para a revisão do Código de Direito Canônico Oriental.

A carreira de Ratzinger parece ter afetado sua teologia. Como arcebispo e cardeal, ele teve de assumir, com responsabilidade cada vez maior, a vida pública da Igreja e ganhou a compreensão mais profunda da necessidade de estruturas sacramentais para salvaguardar a unidade da Igreja e sua fidelidade ao Evangelho.<sup>27</sup>

No decurso dos anos, embora suas diversas e densas atividades, continuou abundante a série das suas publicações. Merecem destaque as seguintes: *Teologia e História*, *O Novo Povo de Deus*, *Fé e futuro*, *No princípio Deus criou o céu e a terra*, o livro-entrevista *Informe sobre a Fé* (1985) e *O sal da terra* (1996), *Deus existe?*, *A Igreja e a Nova Europa*, entre muitos artigos (publicados de modo especial pela Revista *Communio*), conferências e reflexões teológicas. E, por ocasião do seu septuagésimo aniversário, publicou o livro *Na escola da verdade*, onde aparecem ilustrados vários aspectos da sua personalidade e da sua obra por diversos autores. Já como Papa, publicou importantes obras: sua trilogia *Jesus de Nazaré* e uma coletânea de artigos e conferências, intitulada *Fé, verdade e tolerância*.

Recebeu numerosos doutoramentos "*honoris causa*": pelo College of St. Thomas em St. Paul (Minnesota, Estados Unidos), em 1984; pela Universidade Católica de Eichstätt, em 1987; pela Universidade Católica de Lima, em 1986; pela Universidade Católica de Lublin, em 1988; pela Universidade de Navarra (Pamplona, Espanha), em 1998; pela Livre Universidade Maria Santíssima Assunta (LUMSA, Roma), em 1999; pela Faculdade de Teologia da Universidade de Wrocław (Polônia) no ano 2000.

## 2.2 – Traços do perfil teológico: a fé como questão central

Cronologicamente podemos sintetizar a atividade teológica de Ratzinger enunciando seus principais temas em cada momento histórico e ministerial, que apresentam seu perfil teológico. Como estudante tem como fontes de sua teologia a Escritura, a Liturgia e a Igreja. No seu doutorado e livre-docência escolhe como fontes históricas Santo Agostinho e São Boaventura, eclesiologia e história, respectivamente. No decorrer do Concílio se envolve profundamente com duas abordagens: a da revelação/tradição e da eclesiologia/ecumenismo. Como professor, focaliza seu interesse teológico no estudo da dogmática, em especial, de Teologia Fundamental e História dos Dogmas. Como bispo, Ratzinger desenvolveu a sua pregação sobre a teologia da criação e do mistério eucarístico. Já na Congregação da Fé ampliou seu foco de interesse para a

<sup>27</sup> DULLES, A., *De Ratzinger a Bento XVI*, p. 201.

catequese, cristologia e diálogo inter-religioso, refletindo ao mesmo tempo sobre as raízes cristãs da Europa. Como Papa, demonstra forte preocupação com a verdade, liturgia, a questão da fé e ampliação do conceito de razão.

Mas, para compreender melhor seu modo de fazer teologia, devemos ter claro seu principal traço teológico: Ratzinger parte do tema da Igreja, a qual não tem um fim em si mesma, mas existe para que Deus seja visto, conforme ele mesmo afirma: “trato da Igreja de modo que se abra uma perspectiva para Deus. E, nesse sentido, Deus é a temática central dos meus esforços”.<sup>28</sup>

Ratzinger não elaborou um sistema próprio, uma teologia especial, não desenvolveu uma teologia com intenção de atrair sobre si o interesse do leitor, mas sim levá-lo a amar e a entender o grande desenvolvimento da teologia na história da Igreja. É uma teologia que não é nem mesmo reservada a um círculo de especialistas. O que lhe é específico é pensar com a fé da Igreja, pensar com os grandes pensadores da fé. Por isso a exegese lhe é muito cara, não concebendo uma teologia puramente filosófica, mas com a Palavra como ponto de partida, marcada pelos Padres da Igreja, sobretudo Santo Agostinho, num constante diálogo com o pensamento contemporâneo.<sup>29</sup>

Tema caro ao pensamento de Ratzinger é, sem dúvida, a questão da verdade, uma vez que, segundo ele, “o Homem perde a própria dignidade quando não é capaz de conhecer a verdade; quando tudo não passa do produto de uma decisão individual ou coletiva”.<sup>30</sup> O conceito de verdade permanece como categoria central de seu pensamento teológico, pois “quando refletimos sobre a essência da verdade, nós chegamos ao conceito de Deus. Não se pode por muito tempo segurar o ser e a dignidade da verdade, de que por sua vez dependem a dignidade do Homem e do mundo, se não se aprende a ver nisto o ser e a dignidade do Deus vivo”.<sup>31</sup>

Temas como a modernidade, o relativismo dos valores e da verdade, o problema da autonomia, os limites da razão humana, Cristo e Deus, são abordados por Joseph Ratzinger de um modo específico: ele fez destes temas seus *próprios* temas, ou seja, buscou pensá-los com método e com sua motivação: esclarecer o seguimento da questão, buscar suas origens, compreender o desenrolar do problema e refleti-lo numa hermenêutica eclesial.

A questão teológica fundamental de Ratzinger nasce de sua motivação de vida e pensamento: Como e de que modo a mensagem cristã pode ser recebida,

<sup>28</sup> RATZINGER, J., *O Sal da Terra*, p. 54.

<sup>29</sup> Cf. *Ibid.*, p. 54.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 55.

<sup>31</sup> *Id.*, *Natureza e missão da Teologia*, p. 34.

conservada e transmitida, isto é, como se pode viver o seguimento de Cristo? No bojo desta questão está presente uma multiplicidade de outras questões, as quais se tornam normas para o seu pensar: Qual é o cerne da fé cristã? Quem nos ajuda a viver humanamente? Como podemos ser cristãos hoje? O que significa ser cristão? Existe a verdade? Se existe, em que medida ela responsabiliza o homem? Onde está o sentido da existência?

A partir destas questões compreendemos os pontos culminantes (o centro de gravidade) da teologia de Ratzinger: a Doutrina sobre Deus e cristologia, eclesiologia e diálogo inter-religioso. Desta perspectiva, surge nosso tema sobre a fé cristã como possibilidade de uma verdadeira existência, pois a fé cristã não é nenhuma ideologia, mundivisão ou filosofia, mas um dom, uma confissão na Trindade, Comunhão de Amor, um encontro com Jesus Cristo, um encontro com a Verdade que liberta e dá sentido à vida.

Ratzinger tem consciência de que para pensar a fé cristã hoje é preciso pensar também os inúmeros desafios propostos pela modernidade, cujas coordenadas tornam cada vez mais difícil articular e tornar compreensíveis as exigências do cristianismo. Por isso ele procura o diálogo com o tempo e deixa-se interpelar pelos desafios da modernidade, reconhecendo que se trata de um complexo fenômeno filosófico e cultural.

Assim, antes de pensar o anúncio da fé é preciso (re)pensar a modernidade, suas estruturas e complexidade, seu lado positivo e problemático, pois não é possível viver plenamente a fé cristã num mundo que promove a absolutização unilateral do relativismo e da liberdade, numa estrutura que pensa o mundo matematicamente e coloca suas esperanças na técnica, na produção do homem que acaba fazendo do homem um produto.

A evangelização não pode ser ingênua: existe uma realidade que prioriza o factível, uma cultura individualista que se opõe aos princípios cristãos, uma visão totalitarista que desumaniza e que ignora que somente em Deus se torna clara a verdade como fundamento do ser humano. Diante desse contexto, Ratzinger faz uma teologia de intervenção: coloca a fé em confronto com a cultura, intervindo e refletindo sobre o aquele centro que dá sentido à vida do ser humano e que lhe possibilita uma verdadeira existência: Jesus Cristo.

Este é o percurso do próximo capítulo: situar o ser humano diante da questão de Deus e, nas mundividências da modernidade, perceber o dilema da fé cristã. Tomando como ponte a relação fé e razão, pois como afirma Ratzinger, a razão está capacitada e orientada para a verdade, buscaremos demonstrar que o cristianismo não é irracional. Ao contrário, sua perspectiva é favorável ao

ser humano, não limita seus horizontes, mas os expande, conduzindo-o a uma existência verdadeira. A fé restitui o homem a ele mesmo, lhe oferta um sentido e um futuro que vai além do limite da morte.

A intervenção que propõe a próxima reflexão (sobre o contexto cultural e teológico da fé cristã, segundo Joseph Ratzinger) é justamente a problematização da modernidade, de modo especial da crise de verdade, para demonstrar que a fé cristã não é um conhecimento inferior, uma realidade apenas subjetiva, mas que o estar diante de Deus não é estático, mas dinâmico e vital. Crer significa percorrer um caminho, deixar-se tocar por Deus e que, só no encontro com Jesus Cristo, Verdade que vem ao encontro do ser humano, é possível a verdadeira existência.